UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UERJ

INSTITUTO DE MEDICINA SOCIAL

Série: Estudos em Saúde Coletiva nº 025

HAHNEMANN E A RAZÃO CLÁSSICA

Jane Dutra Sayd

Dezembro 1992

PS
SESC
025

IMS INSTITUTO DE MEDICINA SOCIAL
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Instituto de Medicina Social

Hahnemann e a Razão Clássica

Jane Dutra Sayd

Dezembro / 1992

PS SESC 025 ex. 1
INSTITUTO MEDICINA SOCIAL / UERJ
— BIBLIOTECA —

Nº 25

Diretor: José C. Noronha
Comissão de Publicação: Cid M. de Mello Vianna
Michael Reichenheim
Joel Birman
Secretária : Regina A. Marchese
Editoração Eletrônica: Sergio I. Amato / Regina A. Marchese
Nota: A série "Estudos em Saúde Coletiva" é uma publicação de textos para discussão, do Instituto de Medicina Social - IMS, de exclusiva responsabilidade do(s) autor(es)

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca
do Instituto de Medicina Social - UERJ

S274 Sayd, Jane Dutra
Hahnemann e a razão clássica. / Jane Dutra Sayd. — Rio de Janeiro: UERJ/ IMS, 1992.
20 p. — (Série Estudos em Saúde Coletiva; nº 25)

1. Hahnemann, Christian Friedrich Samuel. 2. Homeopatia. I. Título. II. Série.

CDU 615.53

HAHNEMANN E A RAZÃO CLÁSSICA

Jane Dutra Sayd*

Apresentação

Este comentário discute alguns parágrafos do Organon de Hahnemann,[1] considerado um livro chave para a medicina homeopática, buscando compará-lo às demais correntes médicas do seu tempo.

Hahnemann nasceu em 1755 e tornou-se Doutor em 1779. Abandonou a prática médica em 1787 para estudar e em 1796 publicou suas primeiras experiências sobre o que chamou método homeopático. O Organon surgiu em 1810, seguido de cinco revisões e reedições, das quais utiliza-se aqui a tradução brasileira da 6ª edição alemã, apresentada postumamente.

É escrito sob a forma de aforismos distribuídos em parágrafos, que de início apresentam conceitos gerais sobre saúde e doença, a missão do médico e o método homeopático de cura. Progressivamente os aforismos tornam-se mais específicos e abordam de forma cada vez mais prática as questões apresentadas no início, com alguma redundância. A preocupação ética com a missão do médico de curar, (Parágrafo 1) é repetida e enfatizada

* *Professora do Instituto de Medicina Social da UERJ.*

permanentemente ao longo do livro, bem como críticas contundentes aos demais profissionais e sistemas médicos da época.

O livro apresenta duas partes: a primeira, até o Parágrafo 69, é de caráter teórico e visa fundar a sua proposta. A segunda parte preconiza a aplicação decorrente dos princípios já expostos, dividida em três partes, ou "pontos de trabalho do verdadeiro médico" (Parágrafo 70). Dos parágrafos 72 a 104 temos a descrição das doenças e do método para determiná-las, do parágrafo 105 ao parágrafo 146 a descrição do método de investigação para a definição dos medicamentos e, do parágrafo 146 em diante, o modo de empregá-los nos doentes, quando se volta a falar também acerca das doenças. Nosso foco principal de análise é a concepção de doença e os métodos utilizados para definí-la, nos aforismos da primeira parte e no trecho entre os parágrafos 72 e parágrafo 104, que tratam especificamente deste objeto.

O trabalho busca identificar traços do que Foucault chama de episteme clássica, tomando dois livros como base: "As Palavras e as Coisas" e "O Nascimento da Clínica"[2]. O interesse por esta tarefa foi despertado durante a leitura de Condillac[3], discutido em ambos os livros para estudar a episteme clássica e a medicina do final do séc. XVIII e início do séc. XIX, contemporânea de Hahnemann.[4] Em sua análise do pensamento representado no discurso Condillac trazia reminiscências do método de Hahnemann de definir e identificar a doença através da representação nos sintomas.

Esse período assiste a uma mudança do que Foucault chama de episteme clássica para a episteme moderna. A episteme clássica é identificada como a "era da representação", um período que privilegia o olhar de superfície como o método de conhecimento por excelência. Este consiste de uma leitura plana do observado; as tarefas de decifração e interpretação de significados ou

estruturas ocultas inexistem, pois a totalidade dos fenômenos está contida ou expressa na sua representação sensível. Conhecer é analisar a representação dos fenômenos através da atividade de ordená-los e classificá-los, como fez a história natural com a flora e a fauna e a gramática com as palavras.

Essa episteme desaparece na virada para o século XIX, quando há um deslocamento do foco do conhecimento da representação das coisas para a questão do sujeito cognoscente. A história natural, que lê, ordena e classifica a natureza dá lugar à biologia que busca decifrar os enigmas da vida; a gramática com sua ordenação das palavras dá lugar à lingüística que busca as análises do significado e o estudo das trocas dá lugar à economia, busca compreender as articulações internas à produção. A crítica clássica, que verificava as condições em que a representação permitia o conhecimento dá lugar à investigação sobre o que é conhecer, ou que condições do sujeito determinam os limites do conhecimento. É a substituição da noção de perfeita adequação entre representação e objeto pelo questionamento das condições de conhecimento inerentes ao sujeito do conhecimento, que segundo Foucault é realizada de forma revolucionária por Kant[5].

Esta é a origem do homem como objeto das ciências sociais. Para Foucault, a origem do conhecimento sobre as coisas se desloca de uma fonte divina de saber infinito, mas acessível à razão, para um saber finito, humano, porém capaz de se exercer indefinidamente rumo à fragmentação e aprofundamento do próprio conhecimento sobre as coisas.

No prefácio do "Nascimento da Clínica", a medicina é apontada como o primeiro campo de saber a passar por essa mudança.[6] A medicina clássica, que se ocupara das doenças como seres analisáveis e classificáveis vai desaparecer com a necrópsia, que aloca a doença na profundidade do corpo.

Para Foucault esta mudança provém de uma inversão prévia, mais importante em seu caráter fundador: É a atribuição de um estatuto positivo à morte que determina a inauguração do indivíduo e sua finitude como o centro da nova episteme e também inaugura a medicina anátomo patológica.

Essa transformação ocorre com Bichat, em 1801, mas verifica-se, pelas datas dos trabalhos analisados no "O Nascimento da Clínica", que várias medicinas conviveram na passagem entre o século XVIII e XIX.

O Organon e a Clínica

À luz do "Nascimento da Clínica" Hahnemann é um clínico que utiliza categorias e métodos do seu tempo, enraizado na episteme clássica, no privilégio da representação.

Segundo Foucault, a clínica é um momento em que a doença está inteiramente exposta ao olhar. Inicialmente, o modelo médico reinante ao longo do séc. XVIII obedece ao ideal naturalista de ver e isolar traços, classificá-los e agrupá-los. É uma medicina classificatória ou das espécies, como quer o próprio Foucault. Ao final do século instala-se um novo modelo, que reorganiza a noção de doença nos moldes da análise de Condillac, com a manutenção da atividade classificatória - "Os médicos continuarão por muito tempo a herborizar no campo do patológico"[7]. Hahnemann trabalha nestes moldes: define a análise da representação como o único método para se conhecer a doença e, subsidiariamente, procede a classificações botânicas dessas doenças.

O modelo gramatical

O método de investigação da doença e o seu estudo individual no doente são uma análise no Organon. Embora Hahnemann não seja explícito sobre a decisão de adotar um modelo como fizeram os clínicos estudados por Foucault, seus métodos são os mesmos: a análise de Condillac aplicada à percepção médica. "A formação do método clínico está ligada à emergência do olhar do médico no campo dos signos e sintomas. O reconhecimento de seus direitos constituintes acarreta o desaparecimento de sua distinção absoluta e o postulado de que doravante o significante (signo e sintoma) será inteiramente transparente ao significado que aparece, sem ocultação ou resíduo, em sua própria realidade, e que o ser do significado - o coração da doença - se esgotará inteiramente na sintaxe inteligível do significante"[8]. Da mesma forma que, para Condillac[9], as palavras representavam idéias de forma perfeita, para Hahnemann e os médicos de sua época, a doença é inteiramente expressa por seus sintomas:

> *Parágrafo 6: O observador sem preconceitos (...) nada percebe, mesmo sendo o mais arguto, em qualquer doença individual, senão alterações reconhecíveis externamente, pelos sentidos, do corpo e da alma, sinais mórbidos, acidentes, sintomas, (...) todos esses sinais perceptíveis representam a doença em toda a sua extensão, i.é., formam juntos, o quadro verdadeiro e único da doença."*

Para os clínicos da época, "*não existe essência patológica além dos sintomas. Tudo na doença é fenômeno de si mesma (...) sua coleção forma o que se chama doença*".[10]

Este é um momento peculiar na medicina. Significa que os sintomas não são segredos ou indícios a decifrar; são sinais a ser lidos, do mesmo modo

que a palavra não tem significados ocultos, representa de forma transparente o pensamento. Tudo que há para saber é visível e legível. Conhecer é ordenar a representação, já que esta esgota inteiramente o ser representado. Presume-se que a doença é inteiramente legível nos sintomas. Os sintomas da doença, para Foucault, exercem uma função semelhante à da linguagem de ação simultânea de Condillac, onde o médico seria o ouvinte, que faz sucessivo o que vê simultâneo, da mesma forma que, no ideal da língua bem feita, os pensamentos simultâneos se ordenam de forma perfeita nas palavras[11]:

> *"...observer successivement le tableau que le langage d'action met sous ses yeux, et il rend successif ce qu'il n'est pas (...) car analyser n'est autre chose qu'observer successivement et avec ordre."*

Para Hahnemann, a doença aparece inicialmente em bloco:

> *Parágrafo 12: "...de modo que os fenômenos mórbidos que são perceptíveis aos nossos sentidos expressam, ao mesmo tempo, toda a mudança interna..."*

Para conhecer esta doença, é preciso ordenar e fazer sucessivos, os sintomas, na cabeça do médico:

> *Parágrafo 84: "O paciente detalha a marcha dos seus sofrimentos; os que estiverem perto dele relatam suas queixas (...) (o médico) escreve com precisão o que o paciente e seus amigos relataram..."*

> *Parágrafo 85: "Ele abre uma linha nova a cada circunstância diferente, (...) de modo que os sintomas estarão anotados separadamente, uns debaixo dos outros..."*

As similaridades do trabalho de Hahnemann com Condillac e os clínicos se desdobram em outras, que podem ser acompanhadas no que

Foucault chama de mitos epistemológicos da clínica[11]. Em primeiro lugar, a idéia de que a doença apresenta uma estrutura alfabética onde os sintomas são como letras a compor uma palavra, em diferentes combinações características a cada doença, sem sentido se tomadas isoladamente. Em segundo, a de que o olhar opera uma redução nominalista. A doença, como uma palavra, é desprovida de ser. Possui apenas a sua configuração; dizer um nome é resumir uma estrutura visível. A busca desta configuração exata leva à pesquisa de combinações específicas, puras ou a ser purificadas pelo olhar do médico - chamada de redução química. Finalmente a idéia de observação exaustiva como uma bela sensibilidade, o golpe de vista ou o olho clínico, a medicina como uma arte. Aqui a capacidade de observação se investe de um poder avaliador e discriminador que supera a ingenuidade pretendida de início, de olhar e descrever atentamente tudo, sem preconceitos:

> *Parágrafo 102:"À medida que são anotados os sintomas (...) os mais especiais e marcados (...) de ocorrência mais rara, pelo menos na mesma combinação, sobressaem e constituem o que há de característico na doença".*

Neste parágrafo pode-se perceber a idéia de doença como combinação alfabética de sintomas, a redução e a sensibilidade que permitem ressaltar o que há de mais característico ou importante nos quadros.

Para Foucault, a perfeita transparência de representação das doenças nos sintomas é um propósito que não se realiza. A análise é realizada em ordem, mas essa ordem começa a representar algo mais do que ela própria, começa a buscar definições prévias, estruturas implícitas naquilo que observa: A leitura não é, portanto, ingênua. Existem pressupostos que definem o que será considerado mais característico, raro ou freqüente. Há a intervenção de um prejulgamento, ao qual tanto Hahnemann como os clínicos são cegos. A

identificação entre signo e sintoma tem suas incertezas - nem todo visível é signo, nem todo sintoma tem significado. A medicina é incerta em relação aos fatos individuais:

> *Parágrafo 91: "Os acidentes e sensações do paciente durante uma série de medicamentos não permitem um quadro puro da doença..."*

> *Parágrafo 96 :"Além disso, os pacientes diferem, eles próprios, de tal maneira em seu estado que alguns, especialmente os chamados hipocondríacos (...) descrevem seus sofrimentos com expressões exageradas".*

As variações individuais, exclusões ocasionais, em suma, a incerteza da medicina fazem-na probabilística, e os parágrafos de 91 a 104 dedicam-se a um esboço de epidemiologia.

> *Parágrafo 103: " Da mesma forma (...) os males crônicos miasmáticos (...) devem ser investigados quanto à totalidade do seus sintomas (...) pois neles um paciente apresenta apenas uma parte (...) de modo que toda a gama de sintomas que pertencem a essa doença crônica miasmática, especialmente a psora, só pode ser verificada pela observação de um grande número de pacientes atingidos por esse mal crônico..." (grifo do autor).*

Termina-se por obter o quadro da doença em um plano ideal, síntese de muitos doentes, onde ela adquire um estatuto ontológico e persiste, portanto, como um ser classificável na ordem natural. O processo de análise necessário para ordenar e tornar sucessivos (na compreensão do médico) os sintomas simultâneos do doente converge em seguida para um quadro ideal classificatório, de síntese do conhecimento.

O modelo botânico, um acessório

A noção de doença no Organon é complexa. É um transtorno mórbido da força vital (Parágrafo 17), uma alteração do impulso vital[13]. Estas noções (transtorno, alteração) sugerem *situações* do organismo, estados de saúde ou doença próprios a cada momento, mas a doença, paradoxalmente, pode assumir um estatuto ontológico: na cura, a modificação interna não é superada ou reequilibrada. Pode ser afastada, aniquilada (Parágrafo 70), repelida ou interrompida (Parágrafo 44) e erradicada (Parágrafo 78). Caso contrário ela persiste no organismo, apossa-se dele como uma invasora:

> *Parágrafo 42 :"A própria natureza permite, como já se disse, a ocorrência simultânea de duas (mesmo de três) moléstias naturais no mesmo organismo. Esta complicação no entanto, ocorre apenas no caso de duas moléstias dessemelhantes (...) ao que parece, ambas (ou as três) permanecem, por assim dizer, em separado no organismo, cada uma tomando posse das partes e sistemas que lhe são peculiares..."*

Vê-se que a doença, embora seja transtorno, tem limites, especificidades e características próprias. Como um ser natural e finito é classificável e ordenável em relação aos demais de sua classe. Os critérios de classificação estão na evolução temporal e na distribuição no espaço social - agudas e crônicas, individuais, coletivas e contagiosas, além de naturais e artificiais (produzidas por medicação).

> *Parágrafo 73: " Quanto às moléstias agudas, podem ser de tal natureza que atacam o homem individualmente (...) Podem também, ser de espécie tal que atacam diversas pessoas ao mesmo tempo..."*

> *Parágrafo 74: "Entre as doenças crônicas, infelizmente, ainda devemos incluir as tão*

comumente encontradas, produzidas artificialmente no tratamento alopático..."

O tempo existe apenas como critério classificatório. A evolução da doença se achata em um plano sincrônico, ou como diz Foucault, a estrutura principal que a medicina classificatória se atribui é o perpétuo simultâneo, o espaço plano.[14] Tal princípio é claro no desenvolvimento da lei dos semelhantes:

> *Parágrafo 46 :"A vacina, da qual um dos sintomas peculiares é o intumescimento do braço, já curou após sua irrupção, um braço semiparalisado e emaciado(...) Assim, uma irrupção crônica herpética foi radical e permanentemente (homeopaticamente) curada pela irrupção do sarampo..."*

Foucault aponta o mesmo método em Sydenham, citado por Sauvages[15]: *"De uma doença a outra, a distância que as separa se mede apenas pelo seu grau de semelhança, sem que intervenha o afastamento lógico temporal da genealogia"*.

A adesão a este modelo ocorre principalmente nos parágrafos que visam sintetizar a experiência médica com uma série de doentes e apresentar a lei dos semelhantes, onde a cada quadro de doença se busca um quadro semelhante produzido por um agente terapêutico. Não há, por outro lado, a busca de uma classificação completa de todas as doenças (como em Sauvages, que queria ser o Lineu da medicina). Este tipo de tentativa é considerada como "especulação sem valor, misturada com conceitos escolásticos" (Parágrafo 54).

O modelo classificatório é mais uma maneira de explanar o conjunto da experiência médica do que propriamente um *modus operandi* - como o restante dos médicos ocidentais a partir do séc. XVIII, Hahnemann não

escapou de olhar a doença, tomada no conjunto de seus doentes, como um elemento da natureza, vista segundo um olho que precisa discernir, identificar e estabelecer quadros a partir de comparações e classificações[16].

Os limites da Clínica

Não há, para a episteme clássica, contradição entre uma análise gramatical e o uso de uma taxinomia[17]. Ambas viam a natureza como um análogo da linguagem e a representação aí expressa como um conhecimento perfeito, sem resíduo, e ambas se transformam segundo o mesmo processo.

O fim da era clássica, segundo "As Palavras e as Coisas", pode ser subperiodizado, apresentando um momento intermediário em que o conhecimento se dá por uma taxinomia, mas onde o caráter classificatório não é mais centrado na descrição pura e simples. Surge, para a história natural, a subordinação do caráter à função. A descrição começa a se ocupar da organização de ser, portanto a se referir a um conceitual invisível, imaterial. Seria por este caminho, segundo Foucault, que a episteme clássica perde a idéia de representação como campo de conhecimento e vai definir novas empiricidades. Os médicos gramáticos são levados, em suas própria análise, de forma quase inadvertida, a procurar segredos, a não ver mais a representação de si mesma como a verdade última e suficiente da doença. Os mitos epistemológicos já citados teriam origem no problema circular de Condillac e da clínica: o sintoma e a linguagem de ação, em sua ingenuidade de fato inaugural são investidos, enquanto signos, de uma consciência prévia de significado, de uma estrutura lingüística implícita (que deveriam fundar). Algo prévio de ordem abstrata atribui significado ao sintoma, discrimina o que é sintoma do que não é, delimita configurações puras.

A consciência prévia, que atribui o valor de sinal a determinado sintoma, é um implícito, que Foucault chama de "opacidade da linguagem". Esta opacidade termina por se tornar objeto de investigação marcando, para a medicina, o fim da era clássica. O caminho de ver é igual a dizer, mas onde o que se vê já estava dito, volta-se para este dito original, buscando penetrá-lo: é a lingüística em relação à gramática e a anatomia patológica em relação à clínica.

As afinidades de Hahnemann com os clínicos de seu tempo terminam quando estes se voltam para a morte e a anatomia patológica. Esta morte, que inaugura o indivíduo em sua finitude para a episteme moderna e que aponta, para a clínica anátomo patológica, a evolução da doença no tempo do corpo não apresenta nenhuma positividade no Organon. Pode-se apenas dizer que ela existe entrevista como critério classificatório entre doenças curáveis e incuráveis (Parágrafo 14). O corpo morto nada significa enquanto história do indivíduo ou sua doença (Parágrafo 10).[18]

O Organon posiciona-se violentamente contra a prática de necrópsias e os princípios da anatomia patológica. Todas as alterações anatômicas são de origem iatrogênica, correspondendo a esforços desesperados da força vital para reagir às terapêuticas intempestivas:

> *Parágrafo 74 : "(...) Se o paciente por fim sucumbe, o médico que administra esse tratamento habitualmente aponta aos chorosos parentes, no exame post mortem, esses males orgânicos internos, que se devem a sua pseudo-arte, mas que ele afirma, espertamente, serem a doença original incurável(...) Os mortos do campo e os pobres da cidade que tenham falecido sem esse tratamento por meio de medidas prejudiciais não são, via de regra, abertos para fins de estudos anatomo patológicos. (Tal corrupção e tais deformidades não seriam encontradas em seus cadáveres)..."(grifo do autor)*

Com tais princípios, pode-se estranhar que Hahnemann não teça diatribes a Bichat e os demais fundadores da clínica anátomo patológica, mas o fato é que não o fez. O principal alvo de suas críticas é Broussais, o que se explica por uma outra diferença entre Hahnemann e os médicos estudados por Foucault: seu livro é sobre a arte de curar, não um tratado sobre doenças. Como a terapia da época centrava-se nas propostas de Broussais, é ele seu verdadeiro inimigo.[19]

A lei dos semelhantes

É na terapêutica, mais ainda do que na definição da doença ou do método para examinar o doente que o Organon se alinha com a episteme clássica. Sua lei dos semelhantes é inteiramente formulada sob a égide da representação, e resolve satisfatoriamente as contradições surgidas na clínica:

> *Parágrafo 24: "Não resta assim, nenhum outro método de emprego de medicamentos contra moléstias que ofereça possibilidades, a não ser o homeopático, pelo qual procuramos para a totalidade dos sintomas do caso de doença, um remédio que dentre todos os outros(...) tenha o poder e propensão de produzir um estado mórbido artificial o mais semelhante ao caso da doença em questão."*

> *Parágrafo 26: "Isso depende da seguinte lei homeopática da natureza(...): Uma afecção dinâmica mais fraca é extinta de modo permanente no organismo vivo por outra mais forte, quando esta última (embora de espécie diferente) seja semelhante à primeira em suas manifestações."*

Hahnemann, cria, com a sua concepção terapêutica, um modo de trabalhar inteiramente na superfície dos sintomas, fazendo essa superposição: a doença é os sintomas , os sintomas são o remédio . Não há problemas no caso de doenças de espécie diferente, se o importante é a semelhança de sinais. A representação é potencializada e desdobrada quantas vezes for necessário, mas será sempre suficiente. Não importa que um doente apresente mais de uma doença, além de características pessoais peculiares: esta configuração complexa estará representada em algum medicamento. Haverá medicamentos para uma só doença, para o encontro de duas doenças num doente, e ainda outro medicamento específico que dê conta destes sintomas mais a hipocondria do próprio doente (Parágrafo 96 :*"...este próprio exagero de suas expressões, se torna por si um sintoma importante..."*)

A idéia de que uma doença pode curar outra, e de que os medicamentos são princípios morbíficos artificiais (Parágrafo 32) faz a natureza inteiramente plana e legível à dimensão da representação:

> *Parágrafo 51: "De quantos milhares de agentes morbíficos homeopáticos não dispõe o homem para alívio de seus irmãos sofredores, nas substâncias medicinais universalmente distribuídas por toda a criação!"*

Para usar a imagem, tão cara a Foucault, de transparência na representação, pode-se dizer que os planos da doença, do doente e do remédio são transparentes entre si, um sempre permitindo a visão do outro.

Qualquer estrutura ou organização interna do que é visto e descrito é prescindível, pois a solução final está na superposição de outra descrição de natureza idêntica. Ver é dizer, não importa que haja um dito prévio e implícito, porque o medicamento vai redizer na mesma linguagem. Voltando a Condillac

em seu diálogo, onde Foucault compara o clínico ao ouvinte da linguagem de ação, (que faz sucessivo em sua cabeça o que vê simultâneo), para o Organon, o médico e o medicamento não são os ouvintes, são ecos ou imitação do já dito. A análise e a observação, desta forma, não deslizam para a busca de uma interpretação, de um entendimento. Apenas vão olhar mais adiante, no resto da natureza, em busca de uma outra cena similar. Tudo é ordenável na escala dos sintomas:

> *Parágrafo 143: "...uma verdadeira matéria médica, uma coleção de modos de ação real pura, digna de confiança de substancias medicinais simples, um volume do livro da natureza..."*

Hahnemann aferra-se à possibilidade de uma leitura perfeita dos fenômenos naturais. A sua busca do remédio semelhante não inclui nenhuma atividade de decifração ou interpretação. Do mesmo modo que Foucault distingue a crítica da era clássica (que procura a adequação do texto ao que se quer dizer) do comentário (que faz leituras superpostas, que vê subtextos), Hahnemann propõe para o médico a crítica da adequação do remédio à doença: até que ponto foi obtida a semelhança? e nega o comentário, a releitura de qualquer fenômeno percebido:

> *Parágrafo 144:"Deve-se excluir, de modo rigoroso,(...) tudo quanto for conjectura, mera afirmativa ou imaginação; tudo deve ser a linguagem pura da natureza..."*

A sua confiança na perfeição da representação e na possibilidade de ler corretamente as leis naturais é total, e como assinala Lébrun,[20] essa correção e adequação são garantidas por Deus que fala à razão (não à intuição ou adivinhação). Deus ilumina a razão humana rumo ao conhecimento da doença:

> *Parágrafo 14: "Não há, no íntimo do homem, nada mórbido que seja curável,(...) que não se revele ao*

médico observador por meio de sinais e sintomas mórbidos- o que está em perfeita harmonia com a Bondade Infinita do Onisciente Preservador da vida humana."

E em direção ao remédio:

Parágrafo 12: "...e o que é inteiramente suficiente para permitir-lhe curar, o Senhor da vida o revelou a seus sentidos."

Deus, em sua perfeição, não engana o homem:

Parágrafo 17: "Mas o que pensaríamos de Sua Sabedoria e Bondade, envolvesse Ele em mística obscuridade o que se deve curar nas doenças, encerrasse e ocultasse Ele bem no fundo e assim impossibilitasse ao homem conhecer acuradamente a doença e conseqüentemente o impossibilitasse de curá-la?"

Hahnemann é um iluminista. Como diz Foucault[21], para ele a percepção podia se tornar *"transparente para o exercício do espírito: a luz, anterior a todo olhar, era o elemento de idealidade, o indeterminável lugar de origem em que as coisas eram adequadas à sua essência..."*

Resumo

Este comentário visa estabelecer um paralelo entre o Organon da Arte de Curar de Samuel Hahnemann e a clínica que precedeu a instauração da anatomia patológica, apresentada por Foucault no "O nascimento da clínica". Verifica-se que as recomendações para o exame do doente, identificação e classificação da doença obedecem aos mesmos princípios da medicina da época - uma análise como a da gramática de Condillac, uma visão probabilística e uma organização taxinômica . O texto lança a hipótese de que Hahnemann apresenta um sistema médico imerso na episteme clássica, como definida nas "As palavras e as coisas": ao invés de procurar uma sede para a doença na anatomia patológica, sua clínica evolui para a criação de um sistema terapêutico, a lei dos semelhantes.

Essa lei, que preconiza uma intercambiabilidade entre sintomas patológicos e sintomas terapêuticos permite que a sua medicina esteja organizada em uma análise de superfície, onde os sintomas tanto são signos da doença como do medicamento.

Toda a natureza pode ser morbífica ou curativa (fala portanto a mesma língua). Esta verdade é acessível à razão humana a quem basta observar empiricamente os quadros de semelhança para curar doenças, de acordo com a bondade e perfeição divinas que asseguram a representação como origem de todo o conhecimento racional.

Notas

1. HAHNEMANN, S. *Organon da Arte de Curar*. S. Paulo, ed. Grupo Benôit Mure, 1980. Trad. 6 edição alemã.

2. FOUCAULT,M.*As palavras e as coisas*. S. Paulo, Martins Fontes, 1987 e *O Nascimento da Clínica*, RJ, Forense Universitária, 1980.

3. CONDILLAC. Grammaire, De l'analyse du discours in *Essais sur l'Origine des Connoissances Humaines*, II, seç.I, cap I.

4. Uma leitura simultânea dos dois textos de Foucault mostra que ambos defendem a mesma tese. O prefácio do *Nascimento da Clínica* refere-se especificamente às mudanças que deram origem ao homem como objeto de saber e à subjetividade que questiona este mesmo saber, tema central de *As palavras e as coisas*. Fala de uma união originária entre as palavras e as coisas e o momento de sua separação. Esse prefácio como que resume (ou anuncia, já que é anterior) os capítulos *A Representação* e *Os limites da representação*. A leitura auxiliar de GASTON LÉBRUN (Sur la phénomenologie dans Les Mots et les Choses, in *Michel Foucault, philosophe*. Paris, 1989) facilita esta identificação: praticamente todo o comentário feito a um livro se aplica igualmente ao outro.

5. LÉBRUN, G. op. cit.

6. FOUCAULT, M. *O Nascimento da Clínica*, pref., XIII.

7. FOUCAULT, M. *O Nascimento da Clínica*, pg. 100.

8. Op. cit., pag 102.

9. "*...vous avez distribué avec ordre les mots qui sont les signes de vos idées... C'est donc à l'usage des mots que vous devez le pouvoir de considerer vos idées chacune en elle-même*"... CONDILLAC, op. cit., p. 437.

10. Op. cit., pag. 102.

11. Condillac, op cit., pag 431 : a linguagem de ação é a expressão gestual espontânea ou construída, como nas pantomimas, onde as idéias se expressariam de forma múltipla e simultânea, mas quem a assiste necessariamente recebe uma idéia de cada vez, fazendo um quadro sucessivo.

12. FOUCAULT, M *Nascimento da Clínica*, cap VII. Ver, Saber.

13. Para uma análise abrangente das concepções de saúde e doença em Hahnemann ver LUZ, M.T. *Natural, Racional, Social*. RJ. Campus, 1988.

14. FOUCAULT, M. *O Nascimento da Clínica*, pág. 5.

15. FOUCAULT, M. *O Nascimento da Clínica*, pág. 5.

16. Ver CAMARGO, K.R. *(Ir)racionalidade médica: os paradoxos da clínica*, cap II, item 5. RJ, IMS/UERJ, 1990 (tese de mestrado). Segundo o autor, a clínica é uma disciplina eminentemente classificatória, e fez sua classificação segundo critérios pouco rigorosos.

17. Para o Nascimento da Clínica, houve um modelo médico inteiramente voltado para a classificação botânica, antes que a clínica surgisse no hospital. No Organon verifica-se a aplicação de ambos os modelos, porém em etapas distintas no processo de conhecimento e trabalho. O capítulo "Classificar" em *As palavras e as coisas*, por outro lado, afirma essa similitude ou grande proximidade entre a história natural e a gramática.

18. Surge aqui uma discussão complexa, que está além das intenções deste trabalho: como se poderia comparar o vitalismo de Hahnemann, ligado à episteme clássica, com os vitalismos "modernos" de Canguilhem ou mesmo de Bichat. Para estes, a vida é risco, desafio, e a morte uma possibilidade sempre presente. O Organon não trabalha esta dialética de uma vida inserida no tempo, a morte como um inevitável a ser repelido ou adiado. Existem os seres vivos, e as doenças curáveis e incuráveis. Aparentemente, o Organon é um exemplo de como a episteme clássica não tem o mesmo conceito de vida que, segundo *As Palavras e as Coisas*, funda a biologia moderna.

19. Hahnemann também cita outros livros e autores, a grande maioria de matéria médica ou terapêutica, confirmando seu interesse primordial na questão de tratamento e cura. Também ataca a alguns chamando-os de falsos homeopatas - vê-se que as dissenções internas na homeopatia existem desde o seu nascimento.(sobre este tema , ver LUZ,M.T., A Questão da Homeopatia. *Textos de Apoio*, RJ. ABRASCO, 1987).

20. LÉBRUN,G. op cit.

21. FOUCAULT, M. *O Nascimento da Clínica*, prefácio XII.

Textos Publicados - 1992

001 - Luz, Madel T. *O Corpo da Cidade.* 12 p.

002 - Guimarães, Reinaldo. *Proposta de Atuação para uma coordenação de ciência e tecnologia no Ministério da Saúde.* 8 p.

003 - Fiori, José Luis. *A política social do Governo Collor.* 12 p.

004 - Werneck, Guilherme Loureiro; Reichenheim, Michael. *Anos Potenciais de Vida Perdidos no Rio de Janeiro, 1985. As Mortes Violentas em Questão.* 21 p.

005 - Reis, Elisa P. Brazil: *The Politics of State Administration.* 16 p.

006 - Camargo Jr., Kenneth Rochel de. *Paradigmas, Ciência e Saber Médico.* 20 p.

007 - Salem, Tania. *Manuais Modernos de Auto-Ajuda: Uma Análise Antropológica sobre a Noção de Pessoa e suas Perturbações.* 36 p.

008 - Fiori, José Luis. *A Ingovernabilidade Brasileira.* 12 p.

009 - Noronha, José. *Uma Agenda para a Pesquisa urbana para os anos 90: Saúde, Meio-Ambiente e Pobreza.* 8 p.

010 - Fiori, José Luis. *Sobre a Crise Contemporânea: Uma Nota Perplexa.* 16 p.

011 - Corrêa, Marilena C. D. V. *A Medicalização da Sexualidade.* 24 p.

012 - Guimarães, Reinaldo. *Um Sistema de Informação para a Pesquisa no Brasil* 12 p.

013 - Fiori, José Luis. *O Desafio Político-Econômico Brasileiro no Contexto Latinoamericano* 16 p.

014 - Birman, Joel. *Leituras sobre a Cientificidade da Psicanálise.* 20 p.

015 - Birman, Joel. *A Direção da Pesquisa Psicanalítica: uma Leitura dos Pressupostos Freudianos da Psicanálise.* 28 p.

016 - Fiori, José Luis. *Reestructuracion "Passivo" o "Estrategico": el Dilema Economico Latinoamericano.* 24 p

017 - Dal Poz, Mario Roberto. *Sistema de Informação de Recursos Humanos em Saúde no Rio de Janeiro: Estudo Exploratório.* 24 p.

018 - Vianna, Cid Manso de Mello. *A Economia Política das Tensões Estruturais: uma Tipologia e um Diagnóstico para o Caso Brasileiro.* 48 p.

019 - Veras, Renato Peixoto. *Considerações sobre Desenhos de Pesquisa para Estudos com População Idosa no Brasil* 12 p.

020 - Oliveira, Cátia Gomes de. *Análise do Conceito de Satisfação do Usuário na obra de Donabedian.* 36 p.

021 - Guimarães, Reinaldo. *Autonomia Universitária: Notas de Conjuntura.* 22 p.

022 - Birman, Joel. *Sujeito Freudiano e Poder: Tragicidade e Paradoxo.* 16 p.

023 - Fiori, José Luis. *O Estado Brasileiro do Futuro: Descentralização ou Desintegração.* 12 p.